

CARRO etc



Ambulância aventureira

Francês que dá a volta ao mundo com um Citroën DS de 1971 passa pelo Rio



MANU NO RIO. O capô da DS tem pinturas de mãos de crianças de todo o mundo e será dado ao Unicef



JM COLCHONETE e alguma bagagem: é o interior da DS



O VIAJANTE teve o contato direto com outras culturas. Na foto, o Vietnã



NEVE PESADA nos EUA. Mesmo assim, Manu dormiu na ex-ambulância

Jason Vogel

Um belo dia, ele resolveu mudar. E mudou mesmo. Desfez-se de tudo o que tinha, entregou as chaves do apartamento e, aliviado, saiu pelo mundo, dirigindo uma ambulância aposentada. Faz dois anos e quatro meses que Manuel Boileau deixou a França natal para cair numa vida cigana. Agora ele está no Rio, à espera de um navio que o leve para a África.

Manu, como é chamado, é um cara bem normal. Desenhista industrial, ele está longe de todos os estereótipos de aventureiro. O que realmente chama a atenção é seu automóvel: uma camionete Citroën DS 20, modelo 1971.

O que era, originalmente, uma ambulância foi transformado em casa para o viajante. Tem um fogãozinho e uma geladeira. A cama é acanhada: ocupa o lugar da antiga maca. Fora isso, há pequenos armários, algumas peças de reposição e galões para combustível. É tudo o que basta para sua auto-suficiência.

— Por quase toda a viagem tenho dormido dentro do carro. Para passar a noite, procuro um posto de gasolina ou paro perto de uma delegacia. Compro comida em feiras ou supermercados. Fica mais barato e eu posso conviver melhor com a população dos lugares — explica Manu, que, durante sua estada no Rio, está hospedado na casa de um amigo.

Mas por que um Citroën DS, um carro cuja mecânica mete medo em tanta gente?

— Sempre tive DS. Adoro esse modelo. Gosto das linhas da carroceria e até do cheiro. Tirando a parte hidráulica, tudo nele é simples — jus-

tifica o mecânico amador.

(Lembramos ao leitor que quase tudo no DS é hidráulico: um circuito de fluido é responsável pelo funcionamento de suspensões, freios, embreagem e direção...)

Manu já viveu no Chile e foi uma travessia dos Andes que despertou nele o desejo de viajar pelo mundo. Quando voltou para a França trabalhou por três anos até juntar o suficiente para lançar-se na estrada.

— Fazer da vida um sonho, e do sonho uma realidade — diz o viajante, citando o compatriota Saint-Exupéry.

O sonho já dura 70 mil quilômetros e teve 37 países como cenário.

Partiu da cidade francesa de Nancy, cruzou o Leste da Europa e desceu pela Ásia. O trã está entre os lugares que mais chamaram sua atenção, tanto pela beleza e variedade da paisagem quanto pela gentileza do povo.

E foi no Irã que uma pane mecânica teve um desfecho surpreendente: no interior do país, rompeu-se a tubulação do sistema hidráulico. Do nada, apareceu um sujeito cujo irmão tinha um DS parado há anos na garagem. A peça foi dada a Manu, que pôde seguir viagem.

Fora isso, a polia da bomba hidráulica arrebentou no Paquistão, a caixa de câmbio teve que ser trocada no Canadá e houve uma pequena colisão no México. No Brasil, a camionete DS engasgou com gasolina batizada.

— Nessa viagem descobri que o mundo não é tão perigoso quanto se imagina. Há problemas, mas o povo é muito bom — conclui Manu.

Agora, o aventureiro quer embarcar para Dakar e tentará chegar à França em fevereiro. Já pensa em outra viagem com DS, mas, na próxima, quer a companhia de uma namorada.

— Viajar sozinho cansa um pouco. ■